
Resumo

Este artigo apresenta uma experiência de inclusão do texto poético na educação de surdos, desenvolvida a partir de um projeto de extensão realizado com estudantes surdos da rede estadual de ensino da cidade de Maceió-AL, no primeiro semestre de 2012. O projeto nasceu da necessidade de se levar a poesia – ferramenta de humanização – para a comunidade surda, através da leitura e produção de textos em Libras, com vistas a garantir, entre outros, a ampliação dos conhecimentos de mundo dos sujeitos envolvidos e o potencial expressivo de sua língua materna. Percebemos que o trabalho com a poesia entre os surdos pode contribuir, também, para a socialização do grupo e o senso de pertença à comunidade, o que auxilia no processo de construção da identidade linguística e da formação cidadã dos sujeitos.

Palavras-chave: Cultura surda. Poesia em Libras. Cidadania.

Abstract

The aim of this paper is to relate the experience of including poetry in a project named “Poesia na ponta dos dedos: a inclusão do texto poético na educação de surdos”, which involved deaf students from public schools in Maceió-AL, during the first semester of 2012. This project comes from the need of reading and producing poetry in the deaf community, using the Libras (Brazilian signs language) in order to lead the students to spread their background knowledge and the expressive potential of their mother tongue. It was observed that using poetry in deaf education can also contribute to the sense of group and raise identity feelings, which helps subjects to develop their citizenship.

Key-words: Deaf Culture. Poetry in Libras. Citizenship.

1 Tradutora-intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; Bolsista do PIBID. Aluna do IFAL, Câmpus Maceió - jacksoares77@hotmail.com

2 Licenciando em Letras-Português pelo IFAL, Câmpus Maceió; Bolsista do PIBID - jones_d.a@hotmail.com

3 Doutor em Estudos Literários pela UFAL; Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no IFAL, Câmpus Maceió - santosfabiojose@hotmail.com

Introdução

De acordo com o censo do IBGE 2010, no Brasil há 2,1 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, das quais 344,2 mil são surdas. Apesar do número expressivo de sujeitos surdos no país, infelizmente a demanda por texto literário na formação desses sujeitos não tem resultado em ações afirmativas que consigam responder de forma satisfatória à realidade que se impõe nessa comunidade.

Esse quadro decorre, sobretudo, da ausência de obras literárias adaptadas para a Libras e, também, da falta de poesias criadas pelos próprios sujeitos surdos, a partir de seu próprio lugar, que pressupõe uma cultura própria. Concorre, ainda, para agravar essa situação a falta de conhecimento dos docentes sobre a poesia em Libras e suas especificidades, déficit do qual resulta falta de metodologia adequada para o trabalho com o texto poético com esse público.

De fato, existem vários entraves na educação de surdos, os quais geram uma grande lacuna no processo de ensino-aprendizagem desses sujeitos, pois não há o fomento para o desenvolvimento das potencialidades expressivas da Língua Brasileira de Sinais⁴, ainda mais quando se trata da leitura e da produção de textos da esfera discursiva literária.

Certamente, isso gera alguma defasagem de conhecimento na formação dessas pessoas, já que a arte – espaço de ação da subjetividade e da percepção privilegiada do mundo – deixa de ser, para essa parcela da sociedade, um lugar de troca de saberes e de construção da cidadania. A poesia parte do mundo, ela apresenta de forma singular a vida, a sociedade, a cultura e a história; ela também serve como ferramenta para a geração de conhecimento, confronto de ideias e produção/transformação de conceitos e preconceitos. A poesia se liga à nossa capacidade de criação e comunicação e, além disso, constitui um espaço de geração de novas modalidades comportamentais e interacionais dos sujeitos consigo mesmos e com o outro.

Partindo dessas ideias, objetivamos expor neste trabalho uma experiência de atividade com o texto poético na educação de surdos, desenvolvida por meio do projeto de extensão “Poesia na ponta dos dedos: a inclusão do texto poético na educação de surdos”. O projeto teve como público-alvo estudantes surdos de uma escola estadual situada em Maceió e envolveu dois alunos bolsistas do curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Alagoas, sob a orientação de um professor de Teoria da Literatura do referido curso. Aqui, apresentamos os resultados das atividades realizadas, enfatizando a relevância desse tipo de trabalho para o processo de aquisição da língua pelos estudantes, para a socialização do grupo e, também, para o reforço/construção dos vínculos identitários do surdo com sua língua – o que concorre para a sua formação cidadã.

1 O surdo, a linguagem, o mundo

Sabemos que o contato social é um elemento imprescindível na aquisição da linguagem, pois é através da interação que as pessoas vão construindo seus saberes sobre o mundo, intersubjetivamente. Relativamente ao desenvolvimento da linguagem do surdo, podemos dizer que ainda há muito a ser explorado, sobretudo no tocante ao ensino-aprendizagem da Libras nas escolas. Não podemos deixar de lado essa reflexão, sobretudo porque o conhecimento sobre o processo de aquisição da linguagem pelo surdo pode nos auxiliar na construção de metodologias mais eficazes para o desenvolvimento de suas potencialidades individuais e coletivas. Lembremos: as pessoas se constituem através da linguagem. Pensar sobre as relações intersubjetivas dos sujeitos com surdez é uma ação que pode promover uma maior inserção desse público na vida social. Por isso mesmo, essas questões não podem ser negligenciadas quando vamos trabalhar com esse público.

4 Para se ter uma dimensão de como se tem pensado relativamente pouco acerca dessa língua, basta refletirmos sobre o fato de que, somente em 2002, a Libras se torna, do ponto de vista legal, como meio de comunicação e expressão no Brasil (Cf. Lei nº 10.435/2002). Isso não significa dizer que a Libras só começa a existir depois de 2002, mas o amparo legal lhe garante a visibilidade necessária para que os olhares da academia, da sociedade e do governo se voltem para ela, como um objeto que merece reflexão. Sobre isso, Gesser (2009, p. 8-9) afirma: “[...] é a legalidade da língua que confere ao surdo alguma ‘libertação’ e distanciamento dos moldes e representações até então exclusivamente patológicos. Tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural.”

No caso das pessoas com surdez, há certas especificidades que intervêm no processo de aquisição da linguagem. Para que se dê o desenvolvimento da linguagem do surdo, ele deve ser estimulado pelo olhar, que é uma ferramenta fundamental na sua comunicação, como bem observa Pimenta (2006, p. 14): “Os surdos pensam, sonham, planejam as coisas na língua de sinais, que é uma língua visual-espacial ou visual-gestual. Os surdos veem a língua, enquanto os ouvintes ouvem a língua.” Assim, o espaço visual e a forma como ele é explorado determinarão a porcentagem de sucesso do trabalho com esse público.

Falar sobre a aquisição de linguagem é lidar com um processo que é, por excelência, relativo, já que ele nunca é experimentado da mesma forma pelas pessoas. Sabemos apenas que o tempo de aquisição da língua tem um período dividido em princípio, meio e fim. Apesar das diferenças que há entre as pessoas, é certo que, quanto mais cedo e quanto mais contato elas tiverem com situações de interação – que só acontecem na linguagem –, mais chances também terão de desenvolver sua linguagem, nos mais variados contextos de comunicação.

O campo do imaginário e a noção de concretude têm grande importância quando se fala em Libras. É através da produção e percepção de dados, conceitos palpáveis que o surdo traz à tona suas ideias sobre determinado mundo. Quanto mais houver expressividade e mais visibilidade do que se pretende abordar, mais ele poderá ter recursos para a leitura e para a produção de textos.

O nosso senso de cognição está diretamente ligado a nossa capacidade de produzir ideias, e, para o sujeito surdo, o campo cognitivo é organizado a partir das imagens que são impressas, as quais, para serem mais bem compreendidas, precisam ser aliadas à expressividade do dizer/sinalizar. Os conceitos abstratos, como o amor (de amigo, de família ou erótico), são elementos que costumam trazer certa dificuldade de compreensão por parte dessa comunidade – o que não significa dizer que a comunidade surda não lida com abstrações.

Tudo isso nos faz refletir sobre a necessidade de se compreender melhor a linguagem dos surdos. Trata-se de uma atitude necessária para efetiva integração desses sujeitos na partilha dos bens culturais e sociais a que eles também têm direito. Se entre o mundo e os sujeitos a linguagem se faz presente, como instrumento de mediação, faz-se necessário pensar em novas metodologias de contato da comunidade surda com o espaço à sua volta, sob pena de estarmos negando a essa parcela da população seu direito à cidadania. A inserção do texto poético na formação desses sujeitos pode, nesse sentido, constituir uma ferramenta de grande importância para esse fim.

2 Poesia em Libras?

Por mais que uma sociedade como a nossa – fundamentada na ideia de consumo e orientada para a conservação de um *status quo* que visa a manter a hegemonia do capital sobre o humano – teime em insistir na noção de que o bem material está acima do patrimônio cultural, não podemos negar que sempre tem havido uma fala no sentido contrário a esse pensamento. Esta última posição, em geral, caracteriza-se essencialmente por estar preocupada em transformar o modelo de sociedade vigente, apregoando uma nova forma de conceber o sujeito na sua relação com os outros e com o mundo a sua volta. Para tanto, tem-se buscado valorizar aqueles aspectos que, nesta conjuntura político-econômico-social, são colocados em segundo plano, como é o caso da educação para a cidadania e o acesso a bens culturais imprescindíveis para o nosso bem-estar, como o direito ao lazer, à leitura, à livre expressão e à arte.

O acesso ao patrimônio cultural e às mais variadas formas de expressão artística não é algo que deva ser considerado um direito de importância inferior, para o qual só se empregam as sobras dos investimentos nas outras esferas da vida social. Não se trata aqui de reclamar um bem que, sem prejuízo, poderia ser negado ao sujeito. Sabemos que a arte é mais que um bem supérfluo: ela responde a uma necessidade existencial dos sujeitos, já que, nas palavras de Fischer (1976, p. 12),

[...] o homem quer ser mais do que apenas ele mesmo. Quer ser um homem *total*. Não lhe basta ser um indivíduo separado; além da parcialidade da sua vida individual, anseia uma “plenitude” que sente e tanta alcançar, uma plenitude de vida de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações [...]

É exatamente aí que atua o poder transformador da arte, uma vez que ela “é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias.” (FISCHER, 1976, p. 13) Aí também se inscreve o direito à literatura, compreendida numa acepção ampla que engloba “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de

uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1995, p. 242)

Aproveitando as contribuições do sociólogo francês Joseph Lebet, Candido (idem, *ibidem*, p. 240) faz uma distinção entre os “bens compreensíveis” (aquilo que não é imprescindível à subsistência do sujeito: cosméticos, enfeites etc.) e os “bens incompreensíveis” (os que não podem ser negados: casa, roupa, alimento etc.). Para esse autor, além do direito a elementos materiais, tais como o alimento, a moradia e o vestuário, também se constituem “bens incompreensíveis” os bens imateriais que, igualmente, contribuem para garantir ao sujeito aquelas condições mínimas favoráveis à sua inscrição como cidadão no universo em que se insere. É aqui que entra “o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.” (idem, p. 241) Isso pressupõe a compreensão segundo a qual “a literatura [...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.” (idem, *ibidem*, p. 242)

Essa necessidade do contato dos sujeitos com a literatura se faz ainda mais importante na medida em que o texto literário é capaz de confirmar e de negar, ao mesmo tempo em que constitui o lugar da proposta e da denúncia, e, ainda, serve para apoiar ou combater, fornecendo-nos a possibilidade de vivermos dialeticamente nossos problemas. Tudo isso decorre do fato de que a literatura, nas suas mais variadas funções,⁵ tão complexas quanto a sua natureza, coloca-nos diante de múltiplas possibilidades de satisfação das nossas necessidades, que vão desde aquelas associadas à sua inscrição como objeto autônomo de valor estético, até a sua configuração como forma específica de conhecimento do mundo e de expressão pessoal e social. Por tudo isso, é preciso entender, com Candido (idem, p. 249), que a literatura nos humaniza, isto é, contribui no

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Ora, falar em produção e recepção de arte na comunidade surda ainda é, infelizmente, aproximar-se de uma seara pouquíssimo explorada. Os textos literários disponíveis em Libras são bastante escassos. E, quando há, tem-se preferido fazer a tradução de textos do português para a Libras, o que nem sempre proporciona um material capaz de tocar o surdo naquilo que sua cultura tem de particular. Ademais, as escolas inclusivas – como a maioria das nossas instituições de ensino – tendem a deixar de lado as atividades que têm como centro o trabalho com a emoção e o prazer estético.

Apesar da precariedade desse quadro, a poesia em Libras existe. Há poetas surdos, que compõem suas poesias nessa língua, para leitores que são igualmente surdos. Importa dizer que, do ponto de vista estético, a poesia em Libras, apesar de suas particularidades, lida com os mesmos traços de construção das demais línguas, como bem observam Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 112):

A poesia em língua de sinais, assim como a poesia em qualquer língua, usa uma forma intensificada de linguagem [...]. A linguagem nos poemas está em primeiro plano, determinada pela sua projeção que se origina da sua diferença em relação à linguagem cotidiana. A linguagem pode ser projetada de forma regular, uma vez que o poeta usa recursos e sinais já existentes na língua com excepcional regularidade, ou pode ser projetada de forma irregular, uma vez que as formas originais e criativas do poeta trazem a linguagem para o primeiro plano. A linguagem no primeiro plano pode trazer consigo significado adicional, para criar múltiplas interpretações do poema.

O fato é que esse trabalho ainda é pouco divulgado. Quando se trabalha a literatura entre os surdos, tem-se privilegiado atividades de contação de histórias e encenação de peças – o que já constitui um dado positivo. Mas é preciso, também, levar a poesia a esses sujeitos, seja para a fruição, seja para que eles mesmos se ponham na condição de produtores de poemas em sua língua materna. A poesia lida com a emoção, a imaginação e os sentimentos. Ela pode configurar um excelente espaço para a partilha de experiências entre as pessoas, razão por que o surdo não pode ficar alijado de seus benefícios. Nosso projeto nasceu dessa certeza. São seus efeitos que passamos a relatar a seguir.

5 Em “Literatura e sociedade”, Candido distingue, no texto literário, a função total (que torna o texto um patrimônio universal), a função ideológica (relativa às escolhas operadas pelo autor, na sua relação com o público), e a função social da obra, associada ao papel que o texto desempenha “no estabelecimento das relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade.” (CANDIDO, 2000, p. 41)

3 Uma experiência com o texto poético junto à comunidade surda de Maceió

O projeto “Poesia na ponta dos dedos: a inserção do texto poético na educação de surdos” foi desenvolvido nas dependências do Instituto Federal de Alagoas - Ifal *Câmpus* Maceió, com 20 jovens surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais. Todos estavam cursando as séries finais do ensino fundamental ou o ensino médio. Tivemos como objetivo principal garantir a cidadania a esses discentes por meio do acesso à poesia, respeitando suas idiossincrasias linguísticas e culturais. Para tanto, adotamos uma metodologia eminentemente visual, pois é por meio desse canal que os surdos obtêm, compreendem e absorvem plenamente as discussões que lhes são propostas.

Em nossos encontros, para melhor absorção dos conteúdos trabalhados, utilizamos diferentes recursos tecnológicos, entre os quais máquina filmadora, câmera fotográfica, notebook e data-show. Todos os encontros tiveram a Libras como forma de comunicação, o que garantiu a criação de um ambiente comunicativo favorável à socialização do grupo.

Primeira etapa

A partir do entendimento segundo o qual há um cultura surda, manifesta, sobretudo, através das peculiaridades da sua língua, elaboramos e adaptamos algumas poesias disponíveis em alguns materiais didáticos ou na internet, que, posteriormente, foram filmadas e editadas com legendas em língua portuguesa, para serem exibidas aos integrantes do grupo. Nosso intuito era oferecer poemas produzidos em formatos diversos, a fim de que eles pudessem se familiarizar com as possibilidades de produção desse gênero textual.

Aproveitamos esse momento para levar temáticas diferentes para o grupo, que também opinou sobre os assuntos que mais lhe interessavam, os quais também foram discutidos nos encontros. Os temas foram apresentados por meio de *slides* com diversas imagens. A partir da visualização desse material, o grupo deveria ligar os temas ao seu cotidiano, deixando, assim, emergirem os sentidos latentes na relação entre texto e contexto. Nesse momento, os estudantes foram levados a perceber de forma poética os assuntos que pululam a vida social; isso fez com que os sujeitos observassem que há possibilidades diversas – e criativas – de lidar com o mundo ao seu redor.

Foram feitas leitura de poesias produzidas por autores surdos brasileiros, sendo abordada, também, a questão do respeito à cultura surda. Aí entrou, por exemplo, a reflexão sobre a Libras, como uma forma de garantir a identificação dos estudantes com sua língua materna, com todas as implicações culturais que ela envolve. Observar os textos poéticos produzidos por sujeitos surdos favoreceu a percepção de que o surdo também pode criar poemas. Aliamos a essa ação o desenvolvemos das habilidades de percepção e fruição dos recursos artísticos associados aos potenciais expressivos da língua brasileira de sinais, presentes nos textos que selecionamos para levar para os encontros.

Nesse momento, enfatizamos a importância da expressividade pressuposta na linguagem poética em geral e como, no caso da Libras, os gestos e a forma de olhar podem fazer toda diferença nos sentidos suscitados pelos textos. A ideia era mostrar ao grupo que a comunidade surda é capaz de produzir poesias com propriedades expressivas que os poemas em língua portuguesa não possuem.

A observação dos textos que levamos para os encontros garantiu aos estudantes os modelos em que poderiam se inspirar para a composição de seus próprios poemas - fase que sucedeu os momentos de leitura/fruição dos textos existentes.

Segunda etapa

Após a primeira etapa, que constituiu o assentamento das bases discursivas para o contato com essa nova forma de comunicação, a literária, desenvolvemos várias atividades de preparação para o grupo começar a produzir seus próprios textos, assumindo, agora, o lugar da autoria. Essas atividades compreenderam oficinas de criação, envolvendo o trabalho com a expressividade, a teatralização, a pintura e o movimento corporal, como podemos ver nas figuras abaixo:

Figura 1 – Atividades corporais



Fonte: Autores

Figura 2 – Atividades corporais



Fonte: Autores

Essa segunda fase foi de suma importância no processo de desenvolvimento das habilidades necessárias para que o grupo se sentisse preparado para se apossar do direito de voz que lhe estava sendo concedido. Isso nos auxiliou a desmistificar o texto poético entre os estudantes, já que, para eles, poesia era um tipo de texto que aparecia como um evento linguístico abstrato, sem um referente real e, portanto, difícil de ser compreendido. A visualização das imagens e as oficinas de expressão garantiram ao grupo o acesso a variadas sensações e experiências e, assim, ficou mais fácil perceber como se dá o processo de construção dos sentidos dos textos na comunicação poética. É preciso dizer, ainda, que através das diferentes metodologias utilizadas, promovemos o intercâmbio de experiências entre os sujeitos que integravam o grupo.

Terceira etapa

Já na terceira etapa do projeto, passamos à produção de poemas pelos estudantes, para o que, inicialmente, apresentamos imagens que sugeriam diferentes ideias – concretas ou abstratas –, como amor, dor, raiva, natureza, amizade, Libras. Os participantes deveriam escolher uma dessas imagens e, após um momento, expressá-la da sua própria maneira. Essa atividade nos permitiu perceber o potencial criativo do grupo, que, a cada encontro, mostrava-se mais expressivo nos textos que produzia, variando os recursos artísticos que a sua língua lhe fornecia.

Além da ênfase nos aspectos de construção artística do texto, também trabalhamos com a divulgação/valorização da cultura surda, estimulando a capacidade de criação e vocação poética, bem como a construção da autonomia para uma aprendizagem mais significativa. Através da produção de poesias pelos estudantes, percebemos que se instaurava a descoberta progressiva das potencialidades da sua língua materna. O grupo passou a refletir sobre os aspectos expressivos que a Libras oferece para a geração de efeitos estéticos – que também podem ser utilizados em situações comunicativas para além da esfera literária. Para isso, os participantes ainda discutiram sobre as especificidades da linguagem poética, tendo como foco a poesia produzida em Libras.

A cada encontro, conhecíamos mais sobre a realidade do surdo, através das experiências que os próprios estudantes traziam para o âmbito do projeto, através de suas produções. Isso também nos permitiu realizar debates acerca dos temas que surgiam nos encontros, o que ajudou o grupo a exercitar o senso crítico e a capacidade de argumentação.

Acerca das abordagens que faziam dos temas, ficou evidente o desconforto que o grupo sentia no tocante à falta de acesso à comunicação com a sociedade em geral, por causa das barreiras impostas pelas diferenças linguísticas e também de ordem social, como o preconceito e a discriminação. A produção de poesias constituiu um momento de extrema liberdade de expressão do grupo; os efeitos disso se verificaram na evidente autoestima que os participantes demonstraram ao verem seus textos sendo apreciados pelos outros, na sua própria língua. Os textos produzidos também fizeram emergir discursos que não podiam vir à tona senão em forma de poesia (Cf. poema “Mãe”, cujo *link* se encontra no final deste trabalho).

Encerramento

Para o encerramento do projeto, realizamos uma exposição literária em um dos “pontos de encontro” dos surdos em Maceió, a Escola Estadual Tavares Bastos⁶. Esse evento constituiu a culminância das atividades,

⁶ Segundo Pimenta (2006, p. 42), o ponto de encontro “é uma ferramenta que faz parte das estratégias dos surdos para manter uma grande rede de contatos”.

que serviram para o fortalecimento da cultura surda através do texto poético. Lá, os estudantes puderam mostrar aos colegas – surdos e ouvintes – e educadores da escola os trabalhos que produziram durante os encontros. Mostramos alguns poemas gravados em vídeo e fizemos a entrega dos certificados ao grupo.

Figura 3 – Encerramento do Projeto



Fonte: Autores

Figura 4 – Encerramento do projeto



Fonte: Autores

Figura 5 – Encerramento do projeto



Fonte: Autores

Resultados e Discussão

No Brasil, ainda caminhamos a passos lentos no que diz respeito à produção de materiais para a abordagem da Libras nas escolas. Historicamente, as políticas para o trabalho com a diversidade e a inclusão ainda apresentam muitas lacunas em nosso país. Não por acaso, as questões que estão compreendidas na Língua Brasileira de Sinais começaram a ser objeto de reflexão há pouco tempo, de forma tardia e com trabalhos isolados; e as reflexões e ações que envolvem o ensino dessa língua ainda estão em processo de implantação e adaptação.

Há, pois, um campo de estudos e de ação bastante vasto que precisa receber atenção da academia e do poder público, a fim de que se possa atender de maneira satisfatória a essa parcela da população, que possui uma língua e uma cultura peculiares. O que vemos, entretanto, é a ausência de políticas adequadas e, conseqüentemente, o imprevisto e as adaptações grosseiras no processo de ensino-aprendizagem do surdo, como se bastassem as transposições metodológicas do português para a Libras.

Entre os profissionais da educação, é necessário que haja o conhecimento das particularidades pressupostas no processo de ensino-aprendizagem do sujeito surdo. Tal conhecimento ajudará a desenvolver de forma mais adequada os procedimentos didático-metodológicos na escola. Assim, a construção dos saberes pelos sujeitos será mais exitosa. A missão da escola é formar cidadão, fomentar a geração de conhecimentos entre os sujeitos. E os surdos não podem ficar de fora desse processo, porque receber uma educação de qualidade é um direito seu.

As ações apresentadas aqui nos permitem fazer uma reflexão acerca do uso de textos de natureza poética para a formação dos surdos. Suscitar a leitura e a produção de poesias por esse público é uma maneira de ampliar o leque de oportunidades de interação e, conseqüentemente, de aquisição de linguagem. Trata-se de uma metodologia de abordagem da Libras que pode concorrer para superar certos desafios que se impõem na educação de surdos.

A leitura de textos poéticos durante o projeto instigou o grupo para a percepção do potencial expressivo de sua língua, bem como o motivou a expandir seus horizontes de visão e ampliar a compreensão do espaço à sua volta. Tudo isso foi conseguido mantendo-se o foco nas particularidades que a cultura surda apresenta. Isso garantiu também o desenvolvimento pessoal e coletivo do sentimento de pertença a um grupo social – o que auxiliou os estudantes no processo de construção de sua identidade linguística e favoreceu a construção da subjetividade através da valorização de uma “cultura própria”, que marca sua visibilidade e garante a coesão da comunidade (Cf. GESSER, 2009, p. 52-54).

Através desse projeto, notamos que a experiência da interpretação não é uma atividade estimulada junto à comunidade surda na escola – o que se tornou um desafio para nós. Contudo, aos poucos os estudantes foram conduzidos a aguçar o olhar para o mundo através dos textos, e os resultados foram animadores. Desenvolveu-se a percepção de que os sentidos não estão prontos no mundo, mas na interação entre as pessoas na vida social.

Quanto às atividades de produção de poesias pelo grupo, podemos afirmar que constituíram momentos de extrema satisfação e descoberta para os sujeitos envolvidos. O grupo que nos chegou não imaginava que havia poetas surdos, razão por que também não se colocava na posição de quem produz poemas, na condição de autor. Estar nessa posição garantiu aos estudantes surdos a afirmação de sua cidadania, através do poder de voz que lhes foi concedido de se expressar por meio da arte, falando de suas coisas, desde seu lugar particular. A cada texto que os jovens produziam, o grupo descortinava novos horizontes de percepção e intervenção no mundo, que, subjetivado por meio da Libras, ganhava novos contornos sociais, históricos e culturais.

O projeto “Poesia em Libras”, enfim, alcançou os objetivos lançados quando de sua elaboração: ele proporcionou dignidade e inclusão à comunidade surda, que, infelizmente, é tão alijada de informações, na mesma proporção que é carente de atenção e de políticas públicas efetivas para o pleno desenvolvimento de sua cidadania. A poesia tem um papel imprescindível no campo do desenvolvimento da linguagem, já que lida ao mesmo tempo com a fantasia e com a realidade. A liberdade de expressão que ela permite desperta no indivíduo a consciência de que o mundo interior pode ser exteriorizado, e essa descoberta pode ser o primeiro passo para o entendimento do que se é capaz de criar... o mundo.

Referências

_____. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000/Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

IBGE. Disponível em:

<<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2125>>. Último acesso em: 31 maio 2013.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. **Curso de Libras**. v. 1. Rio de Janeiro, LSB Vídeo, 2006.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller de. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2006.

Poemas em Libras produzidos pelo grupo:

BRASIL – Michael Martins. **Disponível em:** <<http://www.youtube.com/watch?v=9dzWIauVdnE>>

DEUS – Geovane. **Disponível em:** <<http://www.youtube.com/watch?v=Y1ssCYCT5Y8>>

EUA – Klewerson. <<http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&NR=1&v=QdDmqI3qTN0>>

LIBRAS – Michael Martins. Disponível

em:<<http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&v=9dzWIauVdnE&NR=1>

MINHA INFÂNCIA – Emanuely Pereira. **Disponível em:**

<<http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&v=GGmkG9KCzLg&NR=1>>

MÃE – Bruna. **Disponível em:**

<<http://www.youtube.com/watch?v=PIMhQIVXxTY&NR=1&feature=endscreen>>

Poesia ilustrada:

AMOR. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6uEL0IH2ekw>>